

FORMAS DE INTEGRAÇÃO DE PRODUTORES AGRÍCOLAS AO MERCADO: O CASO DOS PRODUTORES DE VARGEM GRANDE, TERESÓPOLIS (RJ)

Priscila Tavares dos Santos

RESUMO

Neste artigo busco compreender formas de integração de produtores agrícolas ao mercado e processos de diversificação do sistema de posições pela ampliação do campo de ação de agricultores situados em Vargem Grande, Teresópolis (RJ). Utilizo a análise interpretativa da constituição de campos de ação conforme as condições situacionalmente variáveis de elaboração da apropriação e orientação referencial da organização de recursos que propiciem a elaboração de projetos de reprodução social. Essa perspectiva permite a compreensão de processos sociais que exprimem a modificação de modelos produtivos e da percepção de agricultores e seus familiares frente aos universos sociais que os conectam em espaços sociais específicos. Os campos de ação referidos acima correspondem à proclamação da autossustentabilidade como racionalidade social orientadora da reprodução social desses agentes.

Palavras-chave: Mercado; Produtores Agrícolas; Diversificação

INTEGRATION FORMS OF AGRICULTURAL PRODUCERS TO MARKET AND POSITIONS SYSTEM DIVERSIFICATION: THE CASE OF GREAT VARGEM PRODUCERS (Teresópolis municipality, State of Rio de Janeiro, Brazil)

ABSTRACT

In this article I search to understand ways of integrating farmers producers to the market and the diversification processes of the system of positions for expansion of farmers action field located in Vargem Grande, Teresopolis (State of Rio de Janeiro, Brazil). I use the interpretative analysis of the farmers producers action field according to situated elaborating conditions of reference appropriation and orientation variables of resource organization that facilitate the development of social reproduction projects. This perspective gives an understanding of social processes which express the modified production models and perception of farmers and their families face the social universes that connect themselves into specific social spaces. The fields of action mentioned above correspond to the proclamation of self-subsistence as guiding social rationality of farmers and their families' social reproduction.

Key-words: Marketplace; Farmers; Diversification.

Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. Email: pris_tavares2000@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Neste artigo invisto na compreensão de formas de integração de produtores agrícolas ao mercado e dos processos de diversificação do sistema de posições pela ampliação do campo de ação de agricultores situados em Vargem Grande, Teresópolis (RJ)¹, lócus da realização do trabalho de campo. O universo social por mim valorizado abarcou agentes sociais que orientaram suas ações enquanto pertencentes à comunidade de horticultores, assim reconhecidos enquanto componentes do grupo de interconhecimento², conforme considerado por Weber (2009).

Ao refletir sobre as condições de vida de agricultores, voltei-me às relações de produção enquanto uma das possibilidades de constituição de vínculos sociais por esses agentes. O leque de atividades que realizavam, tanto aquelas voltadas prioritariamente ao abastecimento da unidade familiar quanto aquelas que possibilitavam maiores rendimentos, evidenciava a dinamicidade de suas práticas sociais.

Para estruturar o exercício de demonstração do que pude compreender como princípios norteadores das ações desses agentes, reconheço a capacidade individual do produtor em processar a experiência social e conceber formas de lidar com a vida. Como pretendo demonstrar, a capacidade criativa dos produtores corresponde a processos de elaboração e reelaboração de respostas quase sempre pautadas na valorização da condição de autonomia e da minimização dos efeitos adversos do mercado de hortaliças sobre as unidades de produção que gerem.

As condições de constituição de produtores e demais agentes sociais por mim incorporados para refletir sobre o objeto analítico corresponderam a princípios diferenciados de apropriação de recursos e de elaboração de projetos de reprodução social. A operacionalização desse quadro de relações nas condições em que pude perceber só foi possível pela valorização do conceito de campo de ação³, elaborado por Oliveira Filho (1988, p. 13), ao investir na compreensão dos princípios objetivantes das ações dos Ticuna em situação de tutela pela instituição de assistência e proteção a este grupo indígena. Valendo-me deste conceito para analisar os processos de elaboração de estratégias de reprodução social pelos agricultores, considere fatores organizacionais da vida social desses agricultores enquanto ponto nodal desta análise.

A noção de campo de ação enquanto princípio metodológico me permitiu compreender o conjunto de redes de interações delimitadas pelos próprios interlocutores, segundo as condições de incorporação e de valorização para operacionalizar projetos e estratégias de ação para si e também para os filhos (Oliveira Filho, 1988, p. 13). Principalmente, porque, considero que o fim da “carreira” como agricultores que os interlocutores anunciavam não pode servir como norte da análise acadêmica.

Como pretendo demonstrar neste texto, o campo de ação de produtores de hortaliças de Vargem Grande correspondeu à situação histórica de predomínio referencial de relações familiares e vicinais, de proclamação da autossustentabilidade como orientadora de racionalidades sociais que prescrevem restrições e limites decorrentes do quadro de instituições

1 O município de Teresópolis, situado na região serrana do estado do Rio de Janeiro, com uma área territorial de 770.507km², acolhe 163.746 habitantes, dos quais 18.332 estão situados em área rural, segundo informações do IBGE. (Censo, 2010)

2 Florence Weber (2009, p. 66) utiliza o conceito de grupo de interconhecimento enquanto conjunto de agentes que compartilham de práticas sociais que abarcam diferentes graus de visibilidade, legitimidade ou de reconhecimento social. Segundo apontou, a valorização deste conceito analítico permite a observação e análise de processos de construção do sistema de posição em um universo social delimitado pela abrangência dessas relações.

3 Por campo de ação, longe estou de pressupor uma totalidade ou unidades de análise morfológicas, mas fluxos de investimentos na constituição de alianças, contraposições e rearticulação de estratégias orientadoras de práticas diferenciadas de agricultores.

disponíveis. Este campo se constitui pela valorização de relações personalizadas que agregavam diversos agentes e definiam afiliações institucionais. Tais potencialidades se coadunavam à prática agrícola que priorizava projetos de reprodução como agricultores, tangencialmente mercantis. A perspectiva caleidoscópica de análise desse universo de ações se orientou pelos seguintes princípios de afiliação, que também conformaram quadros de relações: amplitude das relações de comercialização, demanda e oferta de instituições públicas e alternativas migratórias. Esses princípios organizadores da ação que destaquei como eixos analíticos permitiram revelar os diferentes fatores que regulam e também constroem a vida social na comunidade de produtores.

A análise pautada no reconhecimento da condição da posição de produtor permitiu ainda demonstrar processos de tomada de decisão em função de probabilidades objetivas, segundo as condições potenciais de seus parceiros e também dos limites que lhes são impostos. Assim, o processo produtivo pode corresponder, nesta perspectiva, a práticas diversas ou também ter como complementar recursos diferentes e até mesmo opostos.⁴

Esse campo de ação de produtores está marcado, portanto, pela constituição de novas posições pela relativa diversificação dos nichos de trabalho produtivo diante da abertura para o mercado de produtos agrícolas, o que possibilitou colocar em questão o sistema de posições dos agricultores. A valorização de outros padrões de produção emergiu para atendimento às demandas de consumo pelo mercado em ascensão em cidades vizinhas a Teresópolis.

1. MERCADO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS: REDES DE COMERCIALIZAÇÃO DE CAIXARIAS

Como âncora analítica para compreender os princípios que orientaram as ações dos produtores entrevistados e que integram este campo de ação, elejo grupos familiares que apresentaram trajetórias sociais correspondentes a casos de agricultores que se socializaram desde tenra idade no trabalho com a terra, posição a partir da qual também puderam construir alternativas complementares para se constituírem enquanto agricultores.

Seu Társis da Silva⁵ - membro da família, neto do entrevistado que se auto-reconhece e é reconhecido enquanto porta-voz de versão pública apresentável aos recém-chegados -, 72 anos, motorista aposentado, apontou que o marmelo era o sistema produtivo que predominava em Vargem Grande e toda produção da fazenda era transportada em *tropas* de burro (meio de locomoção que seguia em conjunto pelas trilhas abertas na mata para transporte de mercadorias), até o espaço de beneficiamento da produção. Neste período, Seu Max da Silva (na condição de avô do entrevistado) recebeu a atribuição de cuidar da plantação de marmelo do *fazendeiro* Seu Ernesto de Menezes. A produção do marmelo, sob orientação do *fazendeiro*, tinha sua *venda* antecipada em alguns casos antes mesmo da *colheita* da plantação, como afirmou: *a fruta era vendida ainda no pé, sem saber o que iria dar*; em outros casos, ponderou, os marmelos seguiam em *tropas* até os centros de comercialização da produção localizados em Magé. As *tropas* de burro, meio de transporte valorizado pelos produtores residentes em regiões de serra, era elemento indispensável nesse con-

4 Para auxiliar no entendimento do campo de ação desses produtores, valho-me de contribuições de autores que adotaram *démarche* próxima, mas também dados censitários oficiais e demais dados estatísticos e de fontes históricas. Essas contribuições, todavia, serão incorporadas na medida em que permitirão acompanhar a construção de quadros de possibilidades de ações inerentes ou não à constituição dos agricultores.

5 Os nomes utilizados no texto foram alterados por motivos que considero de grande relevância, não apenas para a preservação da relação de gentileza e amizade para com os interlocutores. Trata-se de uma região que, no estado do Rio de Janeiro, tem se alterado com os efeitos da pressão sobre a utilização da terra. A identificação deles, associada à exposição de estratégias familiares de reprodução social, permitiria ampliar as dificuldades para se expandirem, principalmente pelos usos não previstos de pesquisas que se tornam públicas.

texto. Ele não só imprimiu as marcas da paisagem, justificando a existência de trilhas na mata, como também favorecia o escoamento da produção, além da prestação de serviço de transporte, aos proprietários que podiam contar com pequenas *tropas*.

Sobre o sistema produtivo do marmelo, Seu Luiz Sérgio da Silva (pai do entrevistado), sob orientação do proprietário, continuou com o cuidado das lavouras que eram destinadas às indústrias de processamento para produção de marmelada. Pelas condições ambientais favoráveis, principalmente *as águas da região que se juntavam todas, enchendo e formando uma grande barragem, eram canalizadas para a fábrica*. Na fábrica, a marmelada que saía da fazenda em estado bruto em grandes embalagens era refinada, enlatada e transportada para o Rio de Janeiro. Essa vertente da rede de relações tecidas entre agentes da produção e proprietários de terra, mesmo que restritas a um universo espacial delimitado ao que hoje se considera como bairro de Vargem Grande, também era canal de abertura de constituição de novos vínculos, de acesso a recursos e de possibilidades de interconexão da unidade familiar com o universo exterior.

Como tentativa para compreender as relações de produção e de comercialização do marmelo em Teresópolis, investi no levantamento de dados relacionados a este ciclo produtivo. No início da década de 1900, foi fundada a primeira fábrica de processamento do marmelo e produção de marmelada e doces em compotas no município de Teresópolis, conhecida até o momento de realização dessa pesquisa como fábrica Colombo, de propriedade, à época, do Sr. Lebrão. As características naturais favoráveis ao plantio do produto e ao

processamento pelas manufaturas parecem ter favorecido o desenvolvimento das lavouras na região e especialmente em Vargem Grande.⁶

O predomínio de lavouras de marmelo⁷ em Teresópolis, principalmente na localidade de Vargem Grande, pelo que mencionaram os entrevistados, aproximou os produtores dos efeitos adversos da monocultura, sobretudo no que tange ao risco de disseminação de doenças. Como considerou Seu Tár-sis: *enfraqueceu a produção, a fábrica foi fracassando e aí acabou o marmelo. Enfraqueceu a produção, aí enfraqueceu tudo!*

Pelas redes de afiliações aos circuitos do mercado de produtos agrícolas, alguns entrevistados sinalizaram processos de diferenciação de vínculos produtivos valorizados pelos agricultores naquele contexto.

As redes de relações constituídas pelos agricultores pela vinculação ao comércio de produtos agrícolas, compreendidas pela atenção aos princípios de afiliação constitutivos da comunidade de agricultores, não corresponderam apenas à possibilidade de acesso a outros recursos agrícolas.

2. INTERSEÇÃO DE RELAÇÕES COMERCIAIS

Considerando o que me apresentaram os entrevistados, a ampliação do universo social pela emancipação de Teresópolis é um dos processos que orientou a ação dos agricultores durante este período. As narrativas por eles elaboradas apontam para a formação de Teresópolis como um ponto de interseção, de trajetórias que se tocam em pontos diversos.

6 Em consulta a periódicos de circulação no estado do Rio de Janeiro (ao site da Hemeroteca Digital foram encontradas as seguintes referências sobre o cultivo do marmelo e o seu processamento por unidades de processamento: Jornal do Brasil – sexta-feira, 18 de abril de 1902, página 05 e terça-feira, 7 de abril de 1908, página 11; Correio da Manhã – sábado, 11 de agosto de 1903, página 5 e sábado, 13 de agosto de 1908, página 5), no período que corresponde ao final do século XIX e se estende até a primeira década do século XX, para compreender a importância atribuída ao cultivo do marmelo que os interlocutores me apresentavam, localizei diversos anúncios sobre a produção de doces de marmelo (marmelada) em estado de processamento em compotas. Uma das chamadas públicas mais antigas a que pude ter acesso pela consulta na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital do Brasil, data de 1895

7 O historiador Vieira (1938), citado por Babo Sedlacek (2012), considerou que o início da atividade produtiva na região se deu em grandes fazendas sob gestão familiar, como foi o caso da fazenda Ermitage (atualmente bairro de Teresópolis), reconhecida pelos pomares de marmelo, mas também pela roda d'água movida pelos córregos encachoeirados da região.

A constituição do município e sua valorização como polo de atração e de constituição de relações comerciais pode ser demonstrada pela versão apresentada por Seu Társis. Pelas lembranças que pode acumular de seu bisavô (Seu Max da Silva), ele afirmou que Teresópolis à época era um dos distritos de Magé e de lá partia outro trem para a *Raiz da Serra* (Guapimirim).

O irmão do entrevistado, Seu Anderson da Silva, produtor aposentado, 68 anos, refletiu ainda que, no caso da laranja, a comercialização não estava restrita a um único comprador, já que *eram diversas fábricas e todos sabiam que na região tinha muita laranja*. Também eram comuns as compras realizadas diretamente nas *chácaras* (unidades territoriais correspondentes à fragmentação das áreas de terra que integravam as grandes fazendas durante a produção do marmelo).

O processo de emancipação do município é apresentado por ele e valorizado pelos demais entrevistados como fator interveniente na comunidade de origem comum. O processo de emancipação do distrito de Teresópolis permite localizar no tempo o processo que um dos entrevistados sinalizou: *como é que Teresópolis começou há cerca de 200 anos*. Os registros oficiais do município e os agentes sociais da pesquisa fazem referência à homenagem prestada a Teresa Cristina, como apontam: *Tere = Teresa e pólis = cidade*.

Lamego (1950) igualmente mencionou, em relação à origem do município de Teresópolis, que o nome foi uma homenagem a Imperatriz Dona Teresa Cristina. Até então, o lugar de difícil acesso, conhecido como freguesia de Santo Antônio do Paquequer, criada em 25 de outubro de 1855, estava subordinada a Magé. Neste contexto, tal como descrito pelo autor para a região Serrana do estado, Teresópolis chamava atenção pela “beleza suprema entre os cenários serranos fluminenses” desde o início do século XIX. Como apontou, “o local da cidade e suas redondezas jamais tiveram um desenvolvimento cultural pela ex-

tensiva exploração do solo, pois também ali as elevadas altitudes eram impróprias aos cafezais.” (Lamego, 1950, p. 210).

Sobre o processo de emancipação de Teresópolis, Babo Sedlacek (2012) apontou que a oferta dessas estradas e sua posição estratégica, inclusive, fizeram com que a categorização da cidade fosse oficializada em 1890, pelo então governador do Estado Francisco Portella. Entretanto, o autor chama atenção para a existência anterior deste nome e para o fato de que a homenagem se deu na cidade que deveria ser a capital estadual.

O autor acima citado, no período correspondente entre os anos de 1890 e 1895, apontou que, concomitantemente à emancipação de Teresópolis, o Governo Provisório realiza uma concessão para ferrovia para Domingos Moitinho, em 1890, a chamada Companhia Estrada de Ferro Therezopolis - EFT⁸. Ainda durante este governo, houve igualmente outras concessões para a ligação, por via férrea, entre Niterói e Teresópolis, município então cogitado como futura capital do estado. Conforme os dados por ele apresentados, o primeiro trecho da EFT foi inaugurado 16 anos depois (em 1896). Por este trecho, o porto de Piedade e a Raiz da Serra (hoje Guapimirim) foram interligados. Ao final da década de 1910, a EFT é transferida à administração da Fazenda Federal pela Estrada de Ferro Central do Brasil - EFCB. O município era servido pela Estrada de Ferro Teresópolis, um dos ramais da Estrada de Ferro Central do Brasil, que ligava a cidade de Teresópolis a Magé. De acordo com o historiador, Teresópolis mantinha comunicação prioritária com as regiões portuárias para escoamento das cargas a partir dos trajetos traçados pelas estradas Ferro Caril de Therezopolis (ECT) - 1873 (antes chamada Estrada de Magé a Sapucaia - 1860) e EFT e também pela estrada direta Rio-Teresópolis e pela atual Rodovia Santos-Dumont - BR-116 (antes denominada de BR-4 Rio-Bahia). Essas estradas estavam a cargo de companhias concessionárias que realizavam cobran-

8 Companhia Estrada de Ferro Therezopolis, registro n.º 876, livro n.º 37, da Junta Comercial, de 17 de julho de 1890.

ças pelos direitos de uso de portagem, já desde início do século XIX. Entretanto, as estradas tornaram-se vias relativamente facilitadas ao acesso por animais de carga, mas ainda intransitável por carros ou outros tipos de veículos, sendo constante o fluxo de *tropas*.

A relevância da EFT neste período equivalia ao papel desempenhado na organização e manutenção dos circuitos mercantis municipal, e principalmente na tentativa de fazer de Teresópolis uma capital nacional. A oferta de redes de transporte de Teresópolis a Magé e de Magé ao Rio de Janeiro correspondia aos circuitos da produção para atendimento da cidade do Rio de Janeiro em processo de expansão.

Complementando a compreensão desse universo social pela incorporação de dados estatísticos elaborados pelo Censo realizado pelo IBGE em 1956, o município de Teresópolis abarcava 34.396 habitantes, distribuídos entre situações domiciliares: urbana, suburbana e rural.⁹ Pela análise dos dados é possível vislumbrar o predomínio da concentração da propriedade rural frente a outras formas de acesso aos fatores de produção em Teresópolis. Nesse período, em relação à constituição de vínculos produtivos, o cenário era de 5.543 produtores que haviam constituído vínculo produtivo em funções agrícolas, 1.319 voltados ao desempenho de funções relacionadas à indústria de transformação e 452 à indústria de extrativismo, 720 ao comércio de mercadorias e 95 ao comércio de imóveis e valores. Em relação ao setor de transporte, 534 pessoas se ocupavam da prestação deste serviço. (IBGE, 1956)

Elaborando aproximações compreensivas entre informações obtidas por interlocução com entrevistas e dados sobre a história do município, é possível ainda compreender que a abertura das fronteiras espaciais seguia a valorização da reprodução social pela

apropriação da terra e incorporação de recursos igualmente disponíveis em atendimento às necessidades de abastecimento de centros de aglomeração populacional.¹⁰

Em levantamento realizado por Galvão (1962), a autora sinaliza o trunfo do caminhão sobre o transporte por *tropas* em lombo de burro, ainda no começo da década de 1930. Os *tropeiros*, saindo à noite de seus ranchos, ora a cavalo, ora a pé, seguiam pelas estradas em grandes caminhadas até a cidade. Como afirmou, o tipo de transporte ligado às condições topográficas assume papel de particular importância na compreensão de alguns contrastes da ocupação humana no Rio de Janeiro.

Dados divulgados no sítio eletrônico da Rede Ferroviária Federal (RFFSA), apontaram para a existência da Estrada de Ferro Leopoldina, que passava pelo município de Nova Friburgo, principalmente durante as décadas de 1920 e 1940. Esta via possibilitou não apenas a comercialização da produção agrícola como serviu de carga de passageiros, especialmente aqueles engajados pela vida acadêmica no Colégio Anchieta. Os passageiros também eram atraídos pela valorização da região serrana como local de veraneio. Os períodos de férias de verão e finais de semana eram os mais movimentados em direção à Teresópolis. Desde este contexto, o município propiciou o crescimento do turismo residencial e sazonal.

A consulta aos dados da EMB (1959) aponta que a cidade de Teresópolis estava ligada à rede rodoviária estadual pela rodovia federal de Itaipava, com cerca de aproximadamente 34km. Por esta via, de Teresópolis era possível chegar também a Três Rios e Petrópolis, de onde partia a estrada para a Capital Federal (Rio de Janeiro). Teresópolis também se comunicava com Nova Friburgo, interligado por um sistema rodoviário para a Capital. Segundo esses dados, Teresópolis tinha 208 km

⁹ Segundo os dados apresentados por Lamego (1950), para demonstrar a extensão deste universo de relações, a população da cidade de Teresópolis, durante o início do processo de emancipação, correspondia a 10.049 pessoas e, decorridos aproximadamente 50 anos deste processo, a população municipal era de 29.799. (Lamego, 1950, p. 227).

¹⁰ Em consulta a jornais de circulação estadual, no período equivalente à década de 1950, a busca por *sócios* para aquisição de caminhos que assegurassem o investimento na rede de comercialização de produtos agrícolas era recorrente. Um dos anúncios apresenta a rede a partir da qual circulavam a produção: Rio-Teresópolis-Petrópolis-Rio. (Jornal do Brasil, domingo, 01 de janeiro de 1950, página 12).

de estradas de rodagem: 12 federais, 78 estaduais e 118 municipais. Por estas rodovias, as vias de ligação de Teresópolis com a capital correspondiam às redes de comunicação com outros municípios.

Além disso, Geiger (1962), ao analisar as condições de produção agrícola durante a década de 1960, já havia sinalizado os efeitos possíveis da expansão urbana nas áreas dedicadas ao cultivo de hortaliças e a emergência da região serrana como um polo de oferta crescente desses produtos. Nesse contexto, a cidade do Rio de Janeiro desempenhava também o papel de centro exportador de mercadorias para outros estados, como São Paulo e Minas Gerais. Conforme os dados levantados pelo autor, gêneros alimentícios e bebidas correspondiam a 13%; produtos de manufaturas correspondiam a 42% da exportação; 19% eram produtos farmacêuticos e químicos; e 18% estavam relacionados a máquinas e veículos. (Geiger, 1962)

A valorização alcançada pelos gêneros alimentícios produzidos nessas *zonas rurais* gerava uma demanda de consumo na região metropolitana e exigia um fluxo regular de produtos agrícolas. A contribuição de Becker (1966) para compreensão desses circuitos de mercado de produtos agrícolas é fundamental, especialmente pela valorização das redes de relações constituídas entre produtores e as centrais de abastecimento criadas no Rio de Janeiro durante esse período. O alargamento da área a ser abastecida pelos pequenos produtores, principalmente o mercado do Rio, representa um foco de convergência da produção agrícola. Tal capacidade atrativa pode estar relacionada tanto com processos decorrentes do crescimento populacional como aqueles provocados pela presença da região portuária.

Pelo que pude compreender, o sistema de diferenciação interno constituído pela valorização das redes de afiliação ao mercado produziu campos diferenciados de ações desses agricultores. A análise dos dados estatísticos obtidos pelo levantamento nos arquivos

da Escola Municipal Stella Moraes Simões¹¹ permite compreender os deslocamentos apresentados pelas narrativas dos entrevistados.

Esses dados apontam que, no caso das mulheres, os deslocamentos foram mais recorrentes a partir de meados da década de 1970, especialmente para outras localidades do Rio de Janeiro (Caxias, São Gonçalo, Niterói, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, Magé, com 1 caso cada), de Minas Gerais (Além Paraíba, com dois casos de migração), do Ceará (Juazeiro, Fortaleza e Paraíba, com 1 caso cada) e do Espírito Santo (um caso). Também tem ocorrência de um caso de família vinda do Japão, grupo familiar com o qual pude estabelecer contato por ocasião das entrevistas.

A interpretação deste campo de ação de agricultores pode ser compreendida ainda pelos modos diferenciados de vinculação ao mercado de produtos agrícolas, principalmente pelo concomitante processo de construção de vias para escoamento da produção. A possibilidade de deslocamento de agentes da produção e do transporte de produtos para o centro de beneficiamento do marmelo e de consumo de *caixarias* viabilizava o acesso a outras redes de relações, conhecimento de modos de vida e elaboração de saberes. O tempo necessário ao distanciamento da unidade familiar até esses centros de absorção e de troca de mercadorias demandava aproximadamente uma semana, conforme relato dos entrevistados. Ausentar-se por muitos dias era facultado àqueles chefes familiares que podiam transferir temporariamente a gestão da unidade de consumo familiar.

As redes de comercialização alargaram as fronteiras espaciais em relação ao que constituía o território correspondente a Vargem Grande. A centralidade do município de Magé neste processo se fundamentava no conhecimento daquela localidade como uma área de absorção comparativamente ao que podiam encontrar em Vargem Grande. Era um centro econômico, principalmente pela existência da linha férrea ligando Magé a cidade do Rio de Janeiro.

11 Dados por mim coligidos a partir das fichas de matrículas de alunos entre o período de 1956 a 2010.

Essas redes de relações pela afiliação ao comércio de produtos agrícolas correspondem ao alargamento das fronteiras espaciais e de possibilidade de constituição de relações de *troca*. Pelas vias públicas valorizadas para o escoamento da produção agrícola até Magé, o transporte pela *mata*, a produção de marmelo e, posteriormente, de laranja, era adquirida por compradores da *Baixada*, representantes das unidades de beneficiamento para produção de doces e fábricas de bebidas. Magé constituía-se como um centro aglutinador da produção agrícola, espaço de convergência das ações de agentes orientados segundo princípios de afiliação ao mercado agrícola. Tal afiliação correspondia igualmente à ampliação do campo de ação desses agricultores.

Para compreender os circuitos a partir dos quais os agricultores em Vargem Grande podiam se vincular, Seu Anderson comentou que os *trens de passeio* vinham de Niterói para Friburgo e, no final da década de 1940, com o término da construção do eixo de ligação entre Magé e Visconde de Itaboraí, já seguiam também ao Rio de Janeiro. Nesse período, os trens correspondiam a *máquinas da serra*, movidas à vapor, trocadas a cada estação para abastecimento. Os vagões estavam limitados a quatro carrocerias pesadas que *iam arrebrandando os ouvidos dos passageiros com a tiragem violenta que exigia uma rampa de 3% em procissão até a boca do mato* (Cachoeiras de Macacu). *A violência na tiragem do trem ensurdecia os passageiros, tanto que viajavam de janelas fechadas*. Essa orientação era seguida à risca sob pena de serem queimados com as brasas de carvão. Além disso, devido à alta umidade relativa do ar na região, frequentemente as locomotivas paravam para refazer o fogo.

Seu Tárzis, elaborando uma narrativa para me apresentar, no que correspondeu ao entendimento dos princípios orientadores das práticas dos agricultores de Vargem Grande, destacou formas diferenciadas de incorporação desses recursos, tal como apresentou como constitutivo de sua própria trajetória co-

mo agricultor. Segundo ele, tendo alcançado a juventude (aproximadamente no início da década de 1950), saiu de Vargem Grande e foi para o Rio de Janeiro, abrigando-se na casa de uma das irmãs que, pelo casamento, passou a residir nesta cidade. A possibilidade de constituição em outra posição pela incorporação de outros recursos e frente à facilidade relativa de deslocamento com a chegada das estradas, permitiu ao entrevistado constituir-se como trabalhador da construção civil. Enquanto se manteve nesta posição, as idas e vindas eram semanais pois, como ponderou, *agarrado com a família, sentia saudade de casa*. O retorno era semanal e, *mesmo trabalhando durante a semana na obra, no dia de domingo, vinha para a casa (em Vargem Grande) e cortava a lenha para sua mãe*. Não obtendo o êxito esperado pela constituição de vínculo nesta posição, retornou a Vargem Grande e se dedicou ao trabalho que realizava em lavoura própria, num pedaço de terra que o pai lhe havia cedido anteriormente. Mencionou que alguns membros do grupo familiar passaram a fixar residência no Rio de Janeiro.

Seu César da Silva, produtor aposentado, 57 anos, contou que, após a saída do irmão, ele *abandona a lavoura que estava franguinha* e se vincula como trabalhador na granja¹², sob chefia do irmão mais velho (Seu Tárzis). Como refletiu o entrevistado, o trabalho que realizava com o pai era apenas o da *lavoura*. Para trabalhar na granja, teve que investir no aprendizado de outros saberes pela socialização junto aos trabalhadores mais antigos. Afirmou ele: *Quando eu cheguei na granja, eu não sabia nada. Eu fui aprendendo com a convivência. Eu cheguei lá e não sabia nada. Mas ainda fiquei uns 2 anos só, mas depois eu voltei para a lavoura. Voltei para a lavoura!* O retorno à condição de agricultor, contudo, seguiu o trabalho nas lavouras próprias em parceria com o irmão Tárzis. Após anos de trabalho como agricultor, Seu César conquista a aposentadoria e passa a exercer a função de pastor de igreja evangélica protestante.

12 Espaço destinado à criação de aves, em especial, de galinhas e galos para produção de ovos.

Outro membro do grupo familiar que investiu na construção de redes de relações para se constituir em outra posição que não a de produtor, foi Seu Ramon. Segundo a versão que apresentaram, *brigado de foice* com o irmão Ronaldo, aos 14 anos, foi morar na casa da irmã, recém instalada no Rio de Janeiro. Como afirmou Seu César, o irmão jamais voltou a Vargem Grande, tendo constituído vínculo como policial militar. A irmã caçula do entrevistado também investiu na constituição de outras redes de relacionamento e saiu de Vargem Grande após o falecimento dos pais, aproximadamente durante a década de 1980. Conforme mencionou, a irmã constituiu vínculo como empregada doméstica em Rio das Ostras.

Seu Anderson também se reconhece como alguém que teve condições de se afiliar às redes estabelecidas pela comercialização da produção agrícola e se constituiu em outra posição fora de Vargem Grande. Objetivando maiores rendimentos com a lavoura, geriu, durante a década de 1970 aproximadamente, uma *pedra* na Ceasa¹³, em Irajá. Neste período, com uma *caminhonetezinha, levava a própria mercadoria*. Mas ponderou que só pode se valer desta alternativa porque tinha o *comprador certo e não mexia com a lavoura aqui* (Vargem Grande). À época, contava com o trabalho da mulher, Dona Flávia, e também com a ajuda de filhos e de dois trabalhadores à diária. Como mencionou, *descia de madrugada para o Rio e, quando chegava lá no mercado, demorava para vender. Quando chegava em casa, já estava pensando aqui na lavoura para cuidar*. A impossibilidade de, sozinho, tocar lavoura e gerir a comercialização até a central de abastecimento foi condição por ele destacada: *tem que ser uma coisa ou outra*.

A diversificação das redes de afiliação que orientaram as ações dos membros do grupo familiar referenciador desta análise valoriza Vargem Grande como situação social pertinente para adoção da noção de campo de ação

para refletir sobre o agenciamento dos membros das famílias ali residentes. Considerando os membros desse grupo familiar, três deles, com quem aprofundei contato por situação de entrevista, permaneceram em Vargem Grande, como são os casos de Seu Anderson, Seu César e Seu João Paulo (produtor aposentado, 75 anos). No caso de Seu Tárzis, ele saiu e retornou a Vargem Grande, mantendo-se na região até hoje.

Ainda valorizando os princípios de orientação das ações dos agricultores em Vargem Grande pelo que apresentaram os interlocutores, incorporo à análise o percurso do grupo familiar Chimisu. Como mencionou o entrevistado, para exemplificar o caso do irmão caçula de Seu Kasuo Chimisu, produtor aposentado, 72 anos, que retornou ao Rio de Janeiro (município de fixação do grupo familiar anteriormente à chegada em Vargem Grande), o avô, migrante japonês, tendo inicialmente chegado em São Paulo, posteriormente, passou a trabalhar em áreas de cultivo no Rio de Janeiro, juntamente com outros familiares. Quando se mudou para Teresópolis, chegando na localidade de Vargem Grande, onde constituiu família conjugal, nem todos o acompanharam. Após alguns anos de trabalho dedicado às lavouras na condição de *arrendatário* sob cuidado dos filhos, conquista a autonomia da comercialização da produção. A inserção nessas redes por Seu Kasuo viabilizou a constituição de projeto de reprodução para o filho caçula na cidade do Rio. Como afirmou Seu Chimisu, o irmão foi recebido pelos familiares e deu continuidade aos estudos. Inicialmente constituiu-se como técnico e, posteriormente, pelo trabalho, galgou o ensino superior, formando-se como agrônomo.

Em análise sobre a formação da cidade do Rio de Janeiro, Geiger (1962) chamou atenção para o papel relevante que os imigrantes desempenharam no desenvolvimento principalmente de lavouras no estado, desde o

13 As pedras nas Ceasas são áreas delimitadas destinadas à exposição de produtos agrícolas voltados à comercialização. Esses espaços, também reconhecidos como *boxes* são obtidas por meio do pagamento de mensalidades ou por compra, podendo o preço oscilar segundo a oferta de estruturas fixas.

início do século XIX. Considerando o período de constituição das colônias agrícolas nacionais, Galvão (1962) coloca em destaque o sucesso das lavouras de tomate a cargo dos japoneses. Organizados em cooperativas, esses imigrantes podiam contar não apenas com o financiamento da produção, como também tinham asseguradas as redes de venda de produtos e de assistência técnica aos colonos.

A incorporação de outras fontes de dados para dar conta da compreensão deste campo de ação chama atenção para a valorização da região Serrana como polo atrativo, como apontou Lamego (1950). A valorização da beleza natural de Teresópolis era artifício utilizado pelos representantes do governo do Estado para promover a colonização do lugarejo. No entanto, isolada entre as montanhas, manteve-se escassamente povoada. Segundo as informações coligidas por Lamego (1950), em 1872 a freguesia era povoada por 3.257 habitantes e este número foi reduzido em 1890. Cabe ainda mencionar que neste mesmo ano em que a população de Teresópolis foi reduzida, em 21 de janeiro foi decretada como capital do estado do Rio de Janeiro, fato que não se consumou devido às dificuldades de acesso e de comunicação com o centro urbano estadual.

3. PROCESSOS DE DIFERENCIAÇÃO DO SISTEMA DE POSIÇÕES

O sistema de posições constituído pelos produtores em tela pode ser compreendido também a partir da incorporação diferenciada dos circuitos mercantis pela linha férrea, principalmente porque era restrito à produção agrícola, mas porque viabilizava também aos agricultores o acesso a outros canais de conhecimento e de possibilidades de saída e constituição de outros vínculos produtivos que não mais aqueles restritos à produção agrícola. Pela afiliação aos circuitos do comércio, os agricultores podiam elaborar outras alternativas de inserção produtiva pela ampliação do universo de conhecimento.

Durante a década de 1940 aproximadamente, o declínio das lavouras de marmelo deu origem a processos de subdivisão das *fazendas* por venda de pedaços de terra aos trabalhadores que ali haviam se firmado como agentes da produção. A respeito deste contexto marcado por princípios de afiliação ao mercado de produtos agrícolas em que o entrevistado reconhece como pertencente ao tempo do avô e ao da transição do papel de gestor da unidade de produção pela transferência ao pai, após o falecimento de Seu Max da Silva, Seu César, relativiza a mudança de posição conquistada pelo pai.

A possibilidade de se constituir como *motorista*, encarregado por levar a produção do marmelo até o centro de beneficiamento da produção, viabilizou a constituição de outras redes de relações, para além daquelas firmadas com o proprietário da terra. Refletindo sobre a rede de relações constituídas entre agentes da produção, *fazendeiros* e agentes da comercialização, apontou, que, com o término das lavouras de marmelo na região, o conjunto de relações instituintes deste sistema de produção foi colocado em xeque. O enfraquecimento do sistema refletiu no processo de fragmentação das grandes *fazendas*. Como resultado desse processo, parte delas foi vendida a Seu Antônio Limões. Essa transação permitiu ao Seu Max a constituição de um novo vínculo: *arrendatário* de terra. Sobre esta condição de inserção laborativa do avô, reflete:

Meu pai continuou na mesma terra que o pai dele nasceu, que o meu avô era colono. Só que passou a plantar por conta própria. Na época, alguém que tinha um caminhão que levava para o Rio de Janeiro. Aí, falava arrendamento. Ele alugou, ele pagava “x” por ano. Para o mesmo proprietário que antes ele produzia e ele levava para esse proprietário lá em Magé. (Seu César, entrevistado em julho de 2013).

A posse do caminhão pelo produtor era fator fundamental ao desempenho do papel de *comerciante*, mantendo-se, nesses casos, a autonomia em relação as oscilações do

mercado atacadista. Com a chegada do caminhão foi possível, em algumas situações, o enfrentamento da condição de isolamento em que muitos produtores situados na região serrana se encontravam. Do mesmo modo, a comercialização em armazéns, considerando formas varejistas de venda desses produtos, contribuiu igualmente para romper com um tipo de economia direcionada exclusivamente pelo mercado atacadista.

Para compreender a objetivação de formas de apropriação e gestão de recursos, incorporo a versão de Seu Oséias Amaral (produtor aposentado, 78 anos). O entrevistado, refletindo sobre as condições de constituição na posição de produtor, afirmou contrastivamente que aqueles produtores que investiram na produção variada das lavouras, com o declínio do marmelo, puderam comercializar as sobras nas *barraquinhas e armazéns*, casas de comércio nas quais os produtores levavam as *caixarias*.

A adesão dos produtores nesses espaços de comercialização de produtos agrícolas se orienta pelo desejo de construção social em trajetória ascendente, considerando que o controle deste processo é sugestivo do sistema de posições entre produtores. Para demonstrar as condições em que o avô do entrevistado pode se constituir em posição relativamente favorável no acesso a recursos, valorizo a versão apresentada por Seu Társis. Pelo que mencionou, os circuitos das *trocas* de produtos, correspondiam a *trilhas*¹⁴ traçadas nas matas que conduziam os *tropeiros* até os espaços de realização das *trocas* mercantis. Esses traçados permitiam que a produção agrícola de Vargem Grande chegasse até o centro de Magé, onde, pela proximidade com a estação ferroviária, convergiam produtores de diversas regiões vizinhas, como Cachoeiras de Macacu, Guapimirim, Friburgo; todos igualmente interessados e atraídos pela oferta de produtos.

Nesse período, as relações eram orientadas pela maior ou menor vinculação do agri-

cultor ao mercado. A ampliação do sistema de relações, no caso daqueles que se constituíam na posição de agentes do transporte, era possibilitado o acesso a produtos não-agrícolas, como era o caso das roupas, calçados e utensílios de uso doméstico. Como exemplificou: *levando a produção pelo mato, depois de seis dias chegava lá, trocava por bacalhau, chapéu, roupa, coisas que não tinham aqui* (em Vargem Grande).

Considerando agente social integrado a outro grupo familiar de origem, Seu Jair Magalhães, freteiro aposentado, 82 anos ao falar sobre as condições de acesso aos fatores de produção, afirmou que o pai, privado de acesso à terra para se constituir como produtor agrícola, investiu na realização de serviço de *frete*. Por esta forma de vinculação produtiva, o pai do entrevistado realizava o transporte da produção agrícola de produtores de Vargem Grande até Magé, município onde seria comercializada. Reconheceu que este era um serviço raro à época e que tinha muita procura. Refletiu o entrevistado: *Toda vida tinha mercadoria. Quando não era uma coisa, era outra. Se não tinha uma ervilha, tinha um inhame. Quando não tinha um inhame, tinha uma cenoura ou qualquer coisa assim. Mas sempre tinha!* Pelo *frete*, o pai do entrevistado cobrava uma *cota* sobre a carga individual transportada, assegurando o acesso aos produtos do gênero alimentício. Além disso, pela relação que estabelecia com os produtores de Vargem Grande, afirmou: *meu pai não tinha responsabilidade nenhuma com a mercadoria, já que se responsabilizava apenas pelo transporte. Junto com ele, ia o produtor.*

Como a produção destinada à comercialização era relativamente restrita, principalmente pela priorização do atendimento às necessidades de abastecimento dos membros da família, a possibilidade de compra de produtos agrícolas pelo *freteiro* para revenda aos compradores interessados em Magé era um constrangimento a ser enfrentado. O entrevis-

14 A existência dessas trilhas por onde seguiam os *tropeiros* foi igualmente valorizada por Bernardes (1962) ao analisar as condições de realização da agricultura por produtores residentes na região serrana da cidade do Rio de Janeiro.

tado afirmou que o pai, como alternativa para superar o limite ao acesso a produtos agrícolas para revenda, *apanhava a mercadoria lá em cima na Mulher de Pedra. Ia apanhando um volume de um, três volumes de outro e com isso, quanto mais levava, mais fazia o frete.*

O serviço de *frete*, alternativa encontrada pelo pai de Seu Jair, permitiu relativa redução na jornada de trabalho também pelo transporte das cargas até os barracões de comercialização, e oferecia ainda menores despesas com aquisição de mercadoria. Como reconheceram outros entrevistados, o serviço de *frete* era viável porque, frente ao reduzido número de unidades familiares que investiam na produção para comercialização, segundo os ciclos sazonais produtivos, a despesa do produtor era unicamente pelo transporte e, em contrapartida, relativamente ao pequeno estoque que produziam, o sistema demandado era o de troca de mercadorias enquanto valor de uso.

PARA CONCLUIR

Ao considerar as redes constituídas pelos produtores pela afiliação aos princípios de organização do mercado de produtos agrícolas, tentei demonstrar que, no âmbito dessas relações, as redes constituídas pelo mercado de produtos agrícolas possibilitaram aos produtores a abertura do espaço social de relações. Por tais afiliações, pelo alargamento dessas redes, novos saberes e recursos puderam ser incorporados ao patrimônio desses produtores. O acesso a novos recursos viabilizou, em alguns casos, a diferenciação entre os trabalhadores agrícolas. Essas posições, por vezes, correspondiam ao desempenho de funções em momentos intercalados de produção e comercialização segundo os ciclos produtivos; e, em outros, cabiam a trabalhadores reconhecidos pelo desempenho de papéis específicos.

Além da constituição de novas posições pela relativa diversificação dos nichos de trabalho produtivo pela abertura para o mercado de produtos agrícolas, o sistema de posições dos agricultores foi colocado em questão. A valorização de outros padrões de produção emergiu para atendimento às demandas de consumo pelo mercado em ascensão em cidades vizinhas a Teresópolis.

Ao me atentar para os princípios de orientação das ações dos interlocutores de pesquisa, mediante reconhecimento da condição do sistema de posições que ocupavam, pude perceber os projetos que priorizavam para si. As redes de relações que constituíram ultrapassavam os limites de sua definição. O reconhecimento de fatores situacionais valorizados pelos agricultores na elaboração de projetos de reprodução social propiciou-me a compreensão da diversidade de possibilidades de constituição de vínculos produtivos.

E, em sendo assim, ao me manter atenta às condições de possibilidades que os agricultores de Vargem Grande expressaram para colocação em prática desses projetos, segundo os princípios de afiliação destacados para compreensão deste campo de ação, conforme Oliveira Filho (1988), pude perceber processos diferenciados de constituição de si, pautados na idealização do trabalho independente e autônomo. Este campo de ação está marcado, portanto, pela hegemonia de relações personalizadas entre eles, segundo valores, sentidos e capacidade relativa de acesso a recursos, todos interdependentes das possibilidades de construção de redes de inter-relações. Os fluxos de relações que integram o espaço social delimitado por essas afiliações (Hannerz, 1997, p. 15)¹⁵ se coadunam a aspectos contingenciais e fluidos deste universo social, como apontei, referenciados pela defesa da autonomia familiar na gestão de processos produtivos, pela abertura relativa para o mercado de produtos agrícolas e ampliação do quadro de instituições.

15 Por fluxo, adoto definição do autor, que corresponde a “uma série infinita de deslocamentos no tempo, às vezes alterando também o espaço, entre formas externas acessíveis aos sentidos, interpretações e, então, formas externas novamente; uma sequência ininterrupta carregada de incertezas.” (Hannerz, 1997, p. 15).

Assim, longe de pressupor uma totalidade dos fatores organizacionais da vida social desses agentes sociais, pude então compreender não apenas os fatores intervenientes nas unidades de produção, mas as condições de sua exploração, de comercialização da produção e as condições de elaboração de projetos de vida conforme a ampliação dos quadros institucionais e diversificação de setores de atividades que se inter cruzam no atual contexto do estado do Rio de Janeiro e também da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BABO SEDLACEK, Guilherme. *Companhia de Estrada de Ferro Therezopolis: uma empresa do encilhamento em meio à política republicana fluminense (1890-1895)*. [Dissertação]. Mestrado em História. Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em História, Niterói, 2012.
- BECKER, Bertha. O mercado carioca e seu sistema de abastecimento. *Revista Brasileira de Geografia*, n. 2, p. 129-156, 1966.
- BERNARDES, Nilo. Notas sobre a ocupação humana da montanha no estado da Guanabara. In: *Aspectos da Geografia Carioca*. Rio de Janeiro: IBGE, 1962: 187-210.
- FERREIRA, Jurandyr Pires (Org.). *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. vol. XXII. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.
- GALVÃO, Maria do Carmo Correia. Aspecto da geografia agrária do sertão carioca. In: *Aspectos da Geografia Carioca*. Rio de Janeiro: IBGE, 1962, p. 171-186.
- GEIGER, Pedro Pinchas. Esboço da estrutura urbana da área metropolitana do Rio de Janeiro. In: *Aspectos da Geografia Carioca*. Rio de Janeiro: IBGE, 1962, p. 81-104.
- GEIGER, Pedro Pinchas. MetrÓpole do Rio de Janeiro e suas funções atuais. In: *Aspectos da Geografia Carioca*. Rio de Janeiro: IBGE, 1962, p. 65-80.
- HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras e híbridos: palavras-chave da Antropologia Transnacional. *Mana*, v. 3, n. 1, p. 7-39, 1997.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Agropecuário do Estado do Rio de Janeiro*. Brasília: IBGE, 2010.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico do Estado do Rio de Janeiro*. Brasília: IBGE, 1956.
- LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O Homem e a Serra*. Rio de Janeiro: Bibl. Geogr. Brasileira, 1950.
- OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. "O nosso governo". *Os ticuna e o regime tutelar*. São Paulo: Marco Zero, 1988.
- SANTOS, Priscila Tavares. *Campos de ação de agricultores de Vargem Grande, Teresópolis (RJ): princípios de afiliação e redes de interseção*. Tese [Doutorado em Antropologia]. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- VIEIRA, Armando. *José Augusto Vieira, a estrada de ferro e a cidade de Therezopolis*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1934.
- WEBER, Florence. *Trabalho fora do trabalho. Uma etnografia das percepções*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.